

## ANÁLISE DOS PERSONAGENS ZAHY E TATÁ EM HISTÓRIAS TENETEHARA

Neliane Raquel Macedo Aquino  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Departamento de  
Ensino Superior e Tecnologia, Maranhão - Brasil  
nelianemacedo@ifma.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0003-2139-4283>

Ana Gabriela Castelo Branco Sousa  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, campus  
Imperatriz, Departamento de Ensino Básico, Maranhão - Brasil  
gabrielacastelo@acad.ifma.edu.br  
<https://orcid.org/0009-0009-5990-1480>

**RESUMO:** A literatura, como construto inerente à sociedade humana, revela constituições sobre o ser no mundo e o estar no mundo e sobre as formas de relação do homem com a natureza. Nesse caminho, pensar a literatura dos povos indígenas nos permite não apenas compreender os aspectos culturais dos povos originários, mas refletir sobre a formação social a que chegamos. Assim sendo, torna-se relevante compreender as constituições na obra concreta da literatura que temos contato, especialmente em se tratando de uma literatura pouco estudada. Além disso, a lei 11645/2008 assegura a necessidade de estudo sobre os povos indígenas no currículo escolar, para promoção do resgate e da valorização culturais. Dessa forma, este trabalho contribui para o conhecimento literário sobre a literatura indígena, a partir da obra *Histórias do céu* contadas por Zahy e Tatá (Sá, Silva, 2016), por meio de levantamento teórico e análise da história que compõe o livro. A pesquisa seguiu preceitos da metodologia de pesquisa em literatura (Durão, 2020), tendo como foco a constituição e concepção literária dos povos indígenas e, por conseguinte, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. As análises sobre a obra auxiliam no aprofundamento do conhecimento sobre o fazer literário e cultural dos povos indígenas, em especial do povo *Tenetebara* que faz moradia no Maranhão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Povos indígenas. *Histórias do céu* contadas por Zahy e Tatá.

### *ANALYSES OF ZAHY AND TATÁ IN TENETEHARA STORIES*

**ABSTRACT:** Literature, as an inherent construct of human society, reveals constitutions about being in the world and about forms of relationship between man and nature. In this way, thinking about the literature of indigenous people allows us not only to understand the cultural aspects of the indigenous people, but also to think on the social formation we have had. Therefore, it becomes relevant to understand the constitutions in the work of the literature that we have contact with, especially when dealing with a little studied literature. In addition, the law 11645/2008 ensures the need to study indigenous people in the school, in order to promote cultural recovery and appreciation. In this way, this work contributes to the literary knowledge about indigenous literature from the book *Histórias do Céu* contadas por Zahy e Tatá (Sá, Silva, 2016), through a theoretical survey and analysis of the story that composes the book. The research followed precepts of the research methodology in literature (Durão, 2020), focusing on the constitution and literary conception of indigenous peoples and, therefore, is characterized as a bibliographic and qualitative research. The analyzes of the work help with knowledge about the literary and cultural work of indigenous people, especially the Tenetebara people, who live in Maranhão.

**KEYWORDS:** Literature. Indigenous people. *Histórias do céu* contadas por Zahy e Tatá.



## INTRODUÇÃO

A literatura não foi, desde sempre, vista como é atualmente. Conforme Compagnon (2010), a literatura atual só nasceu por volta do século XIX, posto que anteriormente estava relacionada à erudição e ao conhecimento das letras. Sendo de origem antiga, ela se desenvolveu juntamente com a sociedade, passando por diversos contextos sócio-históricos e carregando consigo a identidade de diversos povos, até chegar ao período atual.

Numa concepção simplificada para compreensão, a literatura é “a arte da palavra” (Cereja, Magalhães, 2005). Segundo Compagnon (2010, p. 31), no sentido mais amplo, literatura é “tudo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém”; e no sentido mais restrito, “a literatura (fronteira entre o literário e o não literário) varia consideravelmente segundo as épocas e as culturas”.

A literatura promove a compreensão sobre si e sobre o mundo, haja vista que é parte das necessidades básicas do homem. (Candido, 1995, p. 175). Dessa forma, é perceptível a manifestação cultural e social de uma sociedade por meio de sua literatura, como é o caso do Brasil. Candido (1995, p. 176) fala da literatura como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” Na história da sociedade brasileira, a literatura ganhou espaço entre os brasileiros desde o período colonial (Santos, 2013).

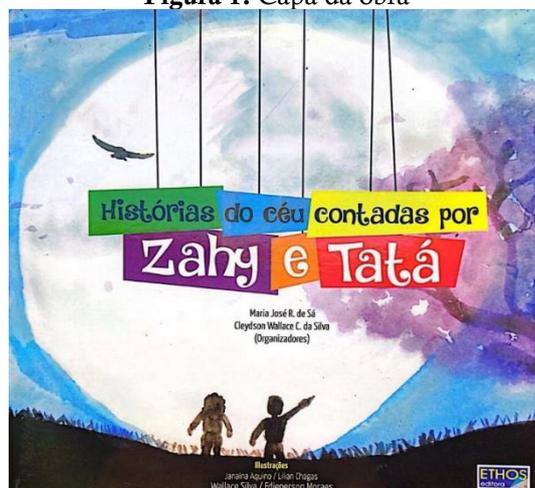
Dessa maneira, como manifestação de um povo, cumpre a literatura um papel de demonstração de sua existência circundada por sua cultura e tradição. É nesse contexto que se insere a literatura indígena, por muito tempo ausente dos grandes palcos de análise, mas parte fundante do que chamamos de cultura, e por seu turno, literatura brasileira. A própria história nacional já demonstra como a literatura abraçou traços da cultura europeia por muito tempo, atribuindo ao indígena a ocorrência em escritas de símbolos idealizados, por vezes cercadas de preceitos teóricos não-indígenas e por conseguinte formadas fora de sua comunidade, como ocorreu no Romantismo indianista de José de Alencar (Iracema) e Gonçalves Dias (I Juca Pirama). De acordo com Munduruku (2012), a história do Brasil ressalta o ponto de vista europeu e, com isso, a visão das comunidades indígenas ficou por muito tempo sem voz, sendo os indígenas tomados como pessoas sem conhecimento.

Compreendendo que a literatura se expressa a partir da cultura de um povo, o contato com a literatura é fundamental para a formação cidadã. Todavia, por vezes reduzimos a literatura aos livros produzidos em espaço não-indígena e tendo sido consagrados pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Somente em 2024, a ABL elegeu o primeiro indígena para ocupar uma cadeira na renomada instituição: Ailton Krenak (2019). Essa atitude comprova a mudança no curso da importância e valorização dos saberes dos povos originários. É necessário, entretanto, que haja contato com as raízes literárias que formam as possibilidades culturais do Brasil, as quais por muito tempo não foram divulgadas ou valorizadas. Nesse sentido, é preciso buscar, dentre as ainda poucas obras que

temos, possibilidades de análise literária que levem em consideração obras indígenas, as quais apresentam concepções culturais próprias das comunidades originárias. Por isso, o livro *Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá* (Sá, Silva, 2016) representa um caminho de possibilidades para descrever e analisar a literatura na visão do povo *Tenetehara*, além de permitir aprofundar o conhecimento sobre os povos indígenas presentes no Maranhão, criando sentimento de pertencimento e identidade e valorização dos povos indígenas.

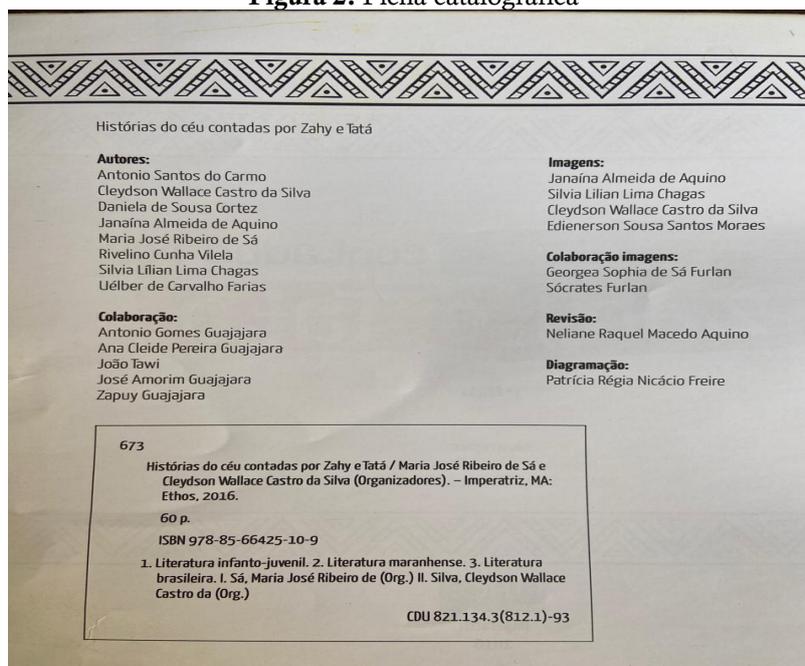
É necessário informar que a referida obra é fruto de um trabalho desenvolvido em território indígena e sob a união de indígenas com não-indígenas. A escrita da obra foi realizada a partir de um projeto etnográfico de extensão de uma equipe de servidores do IFMA campus Imperatriz, coordenado pela servidora Maria José Ribeiro de Sá, que compartilhou saberes sobre astronomia com a comunidade indígena Tenetehara Juçaral. Na oportunidade, o grupo de pesquisa apresentou, de maneira interativa, o conhecimento científico sobre astronomia e formação do universo; e a comunidade indígena apresentou seu conhecimento sobre o mesmo tema e sobre a observação dos astros, numa partilha de saberes que enriqueceu todos os conhecimentos. Após a partilha, os indígenas da comunidade e a equipe reuniram-se para compor a obra, a qual foi organizada por Sá e Silva (2016), os indígenas forneceram suas histórias e suas concepções em partilha livre com os não-indígenas, que transpuseram para uma versão em português. A obra foi publicada em duas versões: em língua portuguesa, que se trata da versão aqui analisada; e depois foi traduzida para língua indígena, intitulada *Ywak rehe ma'e imume'u haw Zahy-Tatá wanemimume'u kwer*, por Antonio Gomes Guajajara. A obra, portanto, foi organizada por Sá e sua equipe, impressa e entregue para a comunidade. Assim, ao analisar a obra *Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá* (Sá, Silva, 2016), foi possível entender a visão daquele povo indígena Tenetehara a respeito da criação do mundo, segundo suas próprias crenças e ensinamentos culturais. Abaixo, segue a imagem da capa da obra (Figura 1) e da ficha catalográfica (Figura 2):

Figura 1: Capa da obra



Fonte: Sá, Silva, 2016.

Figura 2: Ficha catalográfica



Fonte: Sá, Silva, 2016.

A análise literária proposta debruça-se sobre o livro *Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá*, a fim de contribuir para o conhecimento literário sobre a literatura indígena. No decorrer da análise, realizamos levantamento teórico a respeito da literatura e análises literárias; expomos elementos literários da obra *Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá* (Sá, Silva, 2016) e análise e, ao final, apresentamos as conclusões que sintetizam a relevância do estudo da literatura indígena. Nesse sentido, o estudo da obra nos auxilia a compreender, por meio da literatura, a cosmovisão deste povo que está na base da formação do estado do Maranhão e de sua cultura.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura faz parte da sociedade e representa uma forma especial, artística e profunda de ler o mundo. Como dito por Freire (1989, p. 9), “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” e, nesse caminho, a leitura da palavra deve possibilitar caminhos para desenvolver a leitura de mundo. A literatura indígena é uma porta aberta para dar visibilidade para a diversidade sociocultural brasileira, pode contribuir para a valorização de autores indígenas, suas obras, além de oportunizar as pessoas conhecerem melhor os costumes, tradições, línguas, ou seja, as culturas desses povos.

A análise de obras indígenas possibilita apresentar aos leitores as visões e concepções dos povos tradicionais. Dessa forma, “munidos de um olhar dialético que envolve texto e contexto, os autores e autoras indígenas revelam-se a partir de uma diversidade de produções estéticas-literárias-culturais que deixam entrever as concepções de mundo dos povos que pertencem e representam” (Pereira, 2022, p. 74). Ademais, é importante mencionar que o estudo da literatura indígena vai ao encontro do que propõe a Lei 11.645, de

10 de março de 2008 (Brasil, 2008), que diz respeito ao estudo sobre a história e cultura indígenas nas escolas. De acordo com a Lei,

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (Brasil, 2008).

Para Andrade (2019, p. 328), a referida Lei “(...) se tornou uma oportunidade de compartilhar quem somos, o que sabemos e como nos relacionamos com a sociedade”. O livro *Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá* se insere na perspectiva de atendimento à Lei 11.645 (Brasil, 2008). Anteriormente ao projeto de análise, a criação da obra foi desenvolvida por meio de um projeto de extensão, na Terra Indígena Arariboia, em parceria com a própria comunidade indígena *Tenetehara* (Guajajara), na aldeia Juçaral, situada na zona rural do município de Amarante do Maranhão. Sendo assim, a obra carrega consigo aspectos únicos da comunidade, e se torna fonte de análises literárias a respeito daquele povo.

É importante mencionar, ainda, que o Maranhão faz parte da Amazônia legal e apresenta diversas comunidades indígenas em seu território. Historicamente, o estado apresentava, no início da colonização, uma população originária de cerca de 250 mil pessoas, a qual foi “classificada” como “tupi” e “tapuia” (Botelho, 2007). Todavia, várias foram as expedições de extermínio que levaram à perda quase que total da população indígena do estado sob objetivos vis: conter população bárbara e perigosa, oferecer catequese, alcançar domínio territorial, explorar as drogas-do-sertão (Botelho, 2007). “Eis porque as primeiras páginas da História do Brasil estão alastradas de sangue, mas de sangue inocente vilmente derramado” (Lisboa, 1976, *apud* Botelho, 2007).

Dentre os povos que resistiram e permanecem em seu território no Maranhão, está o Guajajara, povo que produziu o livro aqui analisado juntamente com a equipe não-indígena. O povo Guajajara fala uma língua pertencente ao grupo linguístico tupi-guarani, e se autodenominam *Tenetehara*, que significa “homem verdadeiro” (Sá, 2014). De acordo com Gomes (2002, *apud* Sá, 2014) o termo surge da união entre o verbo *ten*, que significa “ser”, e o termo qualificador *ete*, que significa “verdadeiro”, com um processo de substantivação pelo *har/a*, que significa “o” ou “aquele”. Conhecidos pelo termo Tentehar,

a autodenominação será utilizada para se referir ao livro e à comunidade, conforme eles se reconhecem.

Os Guajajara são o povo indígena mais populoso do estado do Maranhão, estando concentrados principalmente nas terras indígenas Alto Turiaçu, Rio Pindaré, Caru e Arariboia, na porção oeste do estado, na região amazônica do estado (Sá, 2014). O livro aqui analisado foi desenvolvido especificamente na comunidade Arariboia. É importante ressaltar que a comunidade prioriza a língua materna na fala, especialmente nas relações cotidianas, e a língua portuguesa é segunda língua com a qual também se comunicam, especialmente com não-indígenas. Além disso, os Guajajara também estão na região centro-oeste, região de cerrado, com a presença das comunidades Bacurizinho, Canabrava, Governador, Lagoa Comprida, Morro Branco, Rodeador, Urucu-Juruá e Vila Real (Sá, 2014).

Com o propósito de conhecer mais sobre a literatura indígena e a sua cosmovisão, especialmente a dos povos do Maranhão, foi realizada a análise literária da obra. Segundo Thiél e Quirino (2011, p. 6631), “conhecer e valorizar a pluralidade cultural existente no Brasil, e em outras nações, é essencial para promover o respeito à diversidade.” Dessa forma, abordar a literatura indígena permite mais do que o estudo da literatura, permite a promoção da valorização dos povos indígenas e da formação cidadã daqueles que conhecem a cultura de seu país.

### *MÉTODO DE ESTUDO*

Para a análise literária da obra *Histórias do céu contadas* por Zahy e Tatá (2016), foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o levantamento de informações coletadas durante revisões de pesquisas, argumentações e discussões já feitas por outros autores, sobre os temas presentes no projeto como literatura, literatura indígena, importância da literatura, constituindo uma pesquisa de natureza qualitativa. Nela, buscamos desenvolver a compreensão a respeito da literatura indígena e sua importância por meio da análise do livro *Histórias do céu contadas* por Zahy e Tatá (2016). Para Santos (2022, p.179):

Essa literatura, com forte influência da tradição oral, tem uma destinação, em sua maioria, voltada para os leitores em formação. O endereçamento para esse público oportuniza o desfazimento de visões preconcebidas sobre aqueles, cujos antepassados foram os primeiros a habitar este território. São narrativas que agregam valores, que falam de culturas desconhecidas para muitos, que perpassam os mitos de criação, as ações dos deuses, as sagas dos heróis civilizadores e de personagens com poderes mágicos (Santos, 2022, p.179).

Nesse contexto, estabelecemos como ponto inicial a visão de Durão (2020) de que a literatura é criada a partir de um contexto sócio-histórico e, assim sendo, existe a partir de um lugar, um povo e da história desse povo. Assim, o livro *Histórias do céu contadas* por Zahy e Tatá (Sá, Silva, 2016) apresenta uma forte relação identitária que promove a cosmovisão indígena do povo Tenetehara e expressa a sua relação com o mundo. Dessa maneira, a análise do texto pressupõe sua interpretação e, nas palavras de Durão (2020,

p. 27), “o processo de descoberta, nesse caso, não se dá em um objeto inerte, pois um texto só existe na medida em que é lido (...), é transformado em realidade, por meio de um ato no qual o sujeito tem um papel ativo”. Isso porque é necessário considerar o contexto daquele lê e, com o qual, se produz a interpretação, pois é necessário acrescentar ao texto aquilo que pode ser lido e compreendido (Durão, 2020).

A partir desse entendimento, a análise aqui se faz para demonstração das características literárias presentes na obra que carrega consigo as tradições de seu povo, mas que também toma corpo a partir do que conhecemos e reconhecemos no texto. Para tanto, elencamos os elementos que, ao serem analisados, permitem compreender a visão por trás da obra. No enredo, os personagens principais da obra são *Zahy*, um garoto indígena, e *Tatá*, uma garota não-indígena, que conversam em uma aldeia indígena a respeito da criação do universo e do mundo, cada um com sua visão e concepção a respeito da origem de tudo. Ao ler o livro, percebe-se o contraste presente entre as opiniões das duas crianças, devido à cultura e ao ambiente que cada uma sempre conviveu. O léxico, a cosmovisão e demais aspectos indígenas presentes no livro nos trazem uma reflexão sobre os Tenetehara e sua visão de mundo. Todos esses elementos são apresentados abaixo com suas análises.

#### ANÁLISE DA OBRA

#### ANÁLISE DOS ELEMENTOS DA NARRATIVA

Consideramos elementos da narrativa aqueles que se expressam conforme a literatura conhecida e se permitem identificar ao longo da obra. Assim, temos *Tatá*: protagonista do livro e menina não-indígena. É uma menina que gosta de estudar e aprender coisas novas. Vai constantemente à aldeia Juçaral, pois sua mãe é a professora local; *Zahy*: segundo protagonista do livro, é um garoto indígena morador da aldeia Juçaral. É tímido, gosta de observar o céu e ouvir as histórias que os mais velhos da sua aldeia contam. Esses dois personagens geram a visão de contraste entre cultura indígena e a não indígena, o que é muito significativo pois mostra com delicadeza a natureza das diferenças e como os personagens vão avançando na partilha de suas culturas. Uma cultura, portanto, não anula a outra e não desmerece a anterior. Ao contrário, vemos a sensibilidade em demonstrar como o povo indígena *Tenetehara* guarda consigo suas explicações para fatos do mundo que enriquecem o conhecimento, especialmente sobre a criação desse mundo. Aqui, portanto, compreendemos como cada personagem parte de sua cultura e realidade para falar de seu conhecimento, mas com escuta ativa sobre o outro. A relação entre os dois propõe uma forma importante de demonstrar a relação entre indígenas e não-indígenas que pode enriquecer as aulas de literatura em espaços formais não-indígenas.

Além desses personagens, encontramos também a mãe da *Tatá*: Professora não-indígena da escola da aldeia; Dona Cleide: uma senhora que recebe os professores na aldeia e hospeda *Tatá* e sua mãe na sua casa; Cacique *Zapuy*: o líder da aldeia, mencio-

nado na história por seus ensinamentos; os avós de *Zahy*: citados na história por *Zahy* por terem ensinado a ele as histórias a respeito do surgimento de tudo.

A história é contada na aldeia Juçaral, terra indígena Arariboia, no Maranhão, local onde o livro foi elaborado. Passa-se no decorrer de uma semana, tempo que Tatá fica na aldeia com sua mãe. O tempo e espaço demarcados nos permitem compreender melhor como as duas crianças-personagens vão constituindo sua relação de descoberta. Levando em consideração que a obra foi direcionada para o público infantil, todas essas características permitem que as crianças possam acompanhar cada novo diálogo.

É importante destacar, ainda, a presença de elementos culturais que perfazem a obra e são necessários para formar a identidade do povo indígena que a compõe. Ocorre a presença de palavras da língua *Tenetehara*, língua falada pelos habitantes da aldeia Juçaral. O foco da obra está na construção de histórias sobre a criação do universo, estrelas, galáxias, planetas e luas: assuntos principais das conversas das crianças-personagens.

Mencionam-se, também, marcas de oralidade da língua portuguesa. Percebe-se, no decorrer da história, as marcas de oralidade da língua portuguesa, por meio de expressões ditas pelas crianças, como “quentura”, “bacana” e “poxa”. Há também expressões indígenas como *Katu*, “oi” na língua *Tenetehara*; *Zahy*: significa “lua”; *Tatá*: significa “estrela”; *Cacique*: nome dado ao líder da aldeia; *Tupàn*: nome do Deus dos *Tenetehara*.

#### ELEMENTOS CULTURAIS INDÍGENAS NA OBRA

Ao longo da leitura, percebe-se, nas falas de *Zahy*, a presença de diversos elementos mítico-simbólicos existentes nas suas crenças. Dentre elas, podemos destacar: a capacidade de falar dos animais: *Zahy*, nas primeiras páginas, ao mencionar seus avós e as histórias que eles contavam, relata que antigamente os animais falavam como os humanos, e lhes transmitiam ensinamentos. A relação de diálogo entre indígenas e os animais da floresta demonstram como a natureza é parte da sua identidade, promovendo os ensinamentos ao povo.

O livro aborda o surgimento do planeta terra na visão *Tenetehara*: segundo os velhos da comunidade no passado o céu era extremamente baixo e para levantar o céu todos os pássaros do mundo se juntaram e levaram o céu para cima. A terra era plana e o céu era como uma abóbada, em que morava o Deus criador *Tupàn*. Por não existir noite, os *Tenetehara* pediram que *Tupàn* encurtasse o dia e criasse a noite e a fizeram com bolas escuras dadas pela divindade. Há também a descrição da história dos desenhos de jenipapo na lua. Os mais velhos contam que, quando o céu era baixo, as indígenas acharam a lua sem graça e a pintaram com a tintura de jenipapo. Aqui, a presença das histórias indígenas é enriquecedora da obra e do conhecimento sobre o povo indígena Guajajara.

Somam-se as histórias das constelações na visão *Tenetehara*. Em uma delas, a constelação da anta surgiu por causa da bagunça criada por uma anta na floresta, enquanto fugia de uma onça, os deuses acharam engraçado e reproduziram o cenário no céu. Também há a história de uma mulher que, para ficar com o cunhado, matou seu marido,

e os deuses, com pena, transformaram o homem em uma constelação, a constelação do homem velho. Assim, mitos e elementos astronômicos, como as constelações, tão importantes na cultura indígena, vão-se mesclando e demonstrando a cosmovisão desse povo.

### A RELAÇÃO IMAGEM E TEXTO

As ilustrações do livro foram realizadas pelos próprios membros da equipe que produziu o livro. Para as figuras, utilizaram aquarelas em desenhos e pinturas, para a composição dos elementos visuais da obra. O livro foi ilustrado com imagens que exibem o conteúdo da obra, cada página com sua ilustração que expressa o que está sendo dito no texto, sendo relevantes para a obra em si. Por exemplo, nas páginas 14 e 15, reproduzidas na figura 3, o desenho da grande sala de aula ilustra o momento que está sendo dito no texto:

Figura 3: Grande sala de aula



Fonte: SÁ, 2016, p. 14-15.

Da mesma forma, na página 19, por ser descrito no texto um diálogo entre Zahy e Tatá, a imagem ilustra o acontecimento, conforme a Figura 4:

Figura 4: Zahy e Tatá



Fonte: SÁ, 2016, p. 19.

As imagens são relevantes posto que, além de construídas na vivência com a comunidade e de acordo com as informações da comunidade, representam também as duas visões culturais compartilhadas. Em se tratando de literatura infantil, as imagens permitem visualizar os acontecimentos, oferecendo material lúdico sobre o ambiente que, embora ficcional, se assemelha ao real da comunidade.

### *PROTAGONISMO E COSMOVISÃO INDÍGENA*

As histórias contadas na obra constituem a cultura e tradição do povo *Tenetehara*. Tendo como um dos protagonistas um indígena e tendo sido escrito junto à comunidade descrita, o livro abre portas para a presença e valorização do indígena na literatura, conforme apontam Thiél e Quirino (2011, p. 6634):

Por séculos o Ocidente constrói o silenciamento do índio, encena sua submissão e/ou seu desaparecimento. No entanto, na segunda metade do século XX, o índio passa de objeto a agente da narrativa. Embora não haja no século XX uma inversão dos papéis de colonizador e colonizado, em termos de escritura, o índio passa de objeto no enunciado de outros – não-índios - a sujeito da enunciação em discurso próprio (Thiél, Quirino, 2011, p. 6634).

Assim, o livro *Histórias do céu* contadas por Zahy e Tatá (2016) permite-nos observar a visão do povo indígena acerca da formação da criação do mundo, segundo suas concepções e seus ensinamentos culturais. Nesse sentido, a obra permite conhecer a literatura indígena produzida por seu próprio povo, como sujeitos de seu próprio discurso, informando sua literatura e sua metodologia, seu estar-no-mundo. De acordo com Andrade (2019, p. 325):

As literaturas que escrevemos, as narrativas que contamos, as histórias que cantamos revelam não apenas nossas ideias, mas também nossos seres, nossa identidade, nossa relação com o mundo. Assim, os três pontos cruciais das “metodologias indígenas”, ou seja, nossas maneiras “de ser, de saber e de fazer”, funcionam como um tripé, um sustentáculo do movimento indígena, de sua produção cultural (conhecimento tradicional) e científica (tradução do conhecimento cultural) (Andrade, 2019, p. 325).

Em uma das histórias contadas, como já mencionado, é feita a analogia entre as manchas vistas na lua com desenhos ou pinturas de jenipapo. O jenipapo é usado para pintar o corpo com diferentes desenhos. Para os *Tenetehara*, esse fruto é considerado como uma roupa que os protege contra as doenças físicas e espirituais e é usado para marcar a passagem de cada fase das suas vidas. É mencionado, ainda, no livro, que os *Tenetehara* gostam muito de se enfeitar, portanto, sempre andam pintados com a tintura de jenipapo e adornados com colares e pulseiras. Essa perspectiva aponta para o cuidado e valorização do corpo que a comunidade apresenta em sua cultura.

Soma-se a essas informações culturais a festa do moqueado: um ritual que ocorre no mês de setembro, celebrando a passagem da fase de menina para mulher. A festa co-

meça no dia de Lua cheia, pois se acredita que, assim, a menina-moça ficará formosa, terá bons partos e filhos saudáveis.

Essas formas de celebração da comunidade demonstram sua visão sobre o corpo e o cuidado que ele precisa ter, segundo sua cultura. Munduruku (2012, p. 69) evidencia esse aspecto próprio das comunidades indígenas ao mencionar a aprendizagem na aldeia:

O que aprendemos durante a nossa vida na aldeia? Aprendemos, desde muito pequenos, que nosso corpo é sagrado. Por isso, temos obrigação de tratá-lo com carinho, para que ele cuide de nossas necessidades básicas. Aprendemos que nosso corpo tem ausências que precisam ser preenchidas com nossos sentidos. Aprender é, portanto, conhecer as coisas que podem preencher os vazios que moram no nosso corpo. É fazer uso dos sentidos, de todos eles (Munduruku, 2012, p. 69).

Dessa forma, podemos compreender como os povos indígenas educam as crianças pela visão “educação do corpo, da mente e do espírito” (Munduruku, 2009), aqui com destaque para a do corpo, como local de aprendizagem, pela relação harmônica com a natureza e com os fatos naturais da vida. Sá (2014) lembra que o ritual do moqueado está relacionado à ancestralidade, posto que é um ritual antigo que permanece na comunidade. Nesse mesmo sentido, ressalta Tremembé (2022, p. 82), ao afirmar que “(...) a cultura alimentar, além de perpassar por veredas da identidade, da ancestralidade, também é um momento de encontro coletivo (...)”, demonstrando a importância da comida para o ritual de celebração. Assim, o moqueado é mais do que uma comida, é um elemento mítico-simbólico da cultura e da identidade do povo *Tenetehara*. Por isso, Sá (2014, p. 94), relata que:

O moqueado tem esse poder de ativar o imaginário Tentehar, de transmitir saberes e valores que circulam no espaço híbrido da floresta. Entre muitos significados, o moqueado, na minha percepção, contém em essência, o fluido vital, que permite e dá sentido à vida, que subjaz ao ethos Tentehar, a busca de uma relação harmoniosa entre natureza e sobrenatureza (Sá, 2014, p. 94).

Ademais, os *Tenetehara* possuem uma história que explica a origem de cada constelação que conhecem, como foi dito no livro, por exemplo, a história da origem da constelação do homem velho e a da anta. Essas histórias organizam a cultura e demonstram a visão do povo sobre a criação de mundo. Munduruku (2012, p. 71) lembra que “a educação da mente para compreender esta concepção passa pelos contadores de histórias”, os quais usam o passado como memorial para compreensão do tempo presente. Conforme o mesmo autor (Munduruku 2012), o papel dos contadores de histórias é muito importante posto que deles é a função de “manter o céu suspenso”, conforme as histórias do povo Guajajara, retratadas na obra aqui analisada. Isso porque, na tradição cultural indígena, são essas pessoas que carregam a sabedoria da comunidade e têm a responsabilidade da transmissão da cultura, especialmente quando estão mais velhos, educando os mais novos.

A partir das histórias *Tenetebara*, é possível perceber como a relação homem-natureza se faz presente na comunidade, singularizando sua forma de ser e estar no mundo. Podemos compreender, portanto, que a presença de elementos mítico-simbólicos projeta a cultura e a identidade do povo, tendo uma visão de mundo em que os sujeitos da natureza vivem harmonicamente, sendo relevante celebrar a vida em todas as suas fases. Segundo Sá (2014, p. 85), ao estudar a comunidade, pode-se concluir que:

(...) o pressuposto é de que a diversidade de grupos humanos tem diferentes formas de organizar e explicar a sua realidade, como demonstra em seus estudos antropológicos Lévi-Strauss (1979), Geertz (2012), dentre outros. Há, portanto, diferentes modos de pensar e representar o mundo. Assim, no imaginário *Tenetebara*, a cada etapa da vida vencida, seja no nascimento, ou na passagem da fase de criança a adulta, quando as meninas estão prontas para fazer nascer a vida e dela cuidar; e os rapazes para serem guerreiros caçadores, cantores ou pajés e, assim, garantir o sustento da vida; a cada colheita, de onde brota o alimento, seja com o mel colhido do tronco de uma árvore, ou ainda na roça de milho ou maniva, são motivos para celebrar e reverenciar os espíritos e a natureza pela graça da vida (Sá, 2014, p. 85).

Por tudo isso, podemos observar que a obra *Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá* evidencia a identidade indígena de Zahy. Desde o começo, ao utilizar a sua língua indígena com *Tatá*, até o final em que aborda a origem do universo de acordo com a sua cultura, a criança-personagem se mostra curiosa sobre a cultura da amiga, ao mesmo tempo em que se mantém firme no que acredita. Zahy representa, no livro, por meio de todo o conjunto de elementos que traz no decorrer da história, todos os *Tenetebara*, trazendo também a identidade cultural do seu povo.

Ademais, podemos observar como a literatura não só transmite a identidade, mas o ser-no-mundo do povo indígena *Tenetebara*. Como afirma Krenak (2019), as histórias demonstram sua relação com a natureza e todos os elementos que os cercam. Dessa forma, a natureza convive em harmonia com a comunidade estabelecendo uma relação profunda, sendo os *Tenetebara* parte do mundo e de sua origem. Nessa relação, o conhecimento científico e cultural está atrelado, posto que representa um uno, indiviso do estar no mundo e do fazer sobre o mundo.

Importante ainda explorar como a obra retrata o indígena e sua representação na sociedade, especialmente não-indígena. A narrativa evidencia a forma como os indígenas foram tratados no processo histórico e seu povo foi dizimado e escravizado pelos europeus, também nos leva a refletir sobre a forma como o indígena resiste e mantém suas tradições, em uma sociedade que não busca conhecer a respeito dos povos da floresta (Sá, Silva, p. 51-53), o fato de que a cultura indígena é pouco ensinada nas escolas e não se falava tanto a respeito das dificuldades dos indígenas para resistir à perda cultural e identitária. No livro *Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá* (Sá, Silva, 2016, p. 51-53), temos o seguinte trecho sobre o tema:

- *Tatá, nós mantemos contatos com outras culturas e recebemos suas influências, mas, como diz nosso cacique, temos que fincar nossos pés na nossa cultura, precisamos falar nos-*

*sa língua, para que não morra. Precisamos dançar, cantar e contar nossas histórias. Sem elas, nós não seremos os Tentehar, seremos apenas pessoas, sem nenhuma característica que nos diferencie dos demais.*

*Tatá se emocionou ao ouvir isso. Pois passou a perceber que conhecia muito sobre outras culturas, mas conhecia quase nada sobre a cultura dos povos originários do Brasil e do Maranhão como os Tentehar. Ia à escola no dia do índio, pintava o rosto de tinta, brincava e depois nada mais se discutia. Não se falava sobre os problemas que eles enfrentam todos os dias, o preconceito que tanto os deixam frustrados e que fazem os jovens ficarem com vergonha de serem quem são.*

O trecho demonstra o discurso historicamente construído nas escolas não-indígenas a respeito desses povos e como a formação de estereótipos esteve presente por muito tempo nesses espaços. Segundo Botelho (2007), tal comportamento podia ser observado nas escolas durante a comemoração do dia 19 de abril, em que se enfeitavam crianças com cocás e machadinhas, mas a discussão necessária, principalmente desvinculada desse dia único, raramente acontecia: uma herança do pensamento do colonizador. Essa discussão, portanto, torna-se relevante não apenas para o espaço da aula de literatura, mas para promover o reconhecimento e valorização da comunidade indígena, permitindo refletir sobre os atos construídos socialmente, contribuindo, por seu fim, à formação cidadã de alunos não-indígenas.

Nesse campo de valorização e reconhecimento de sua presença, a obra permite apontar para a discussão acerca da palavra índio, a qual carrega consigo um campo semântico que leva a memórias estereotipadas e pessimistas sobre os indígenas e, portanto, a palavra é inadequada (Botelho, 2007). De acordo com Munduruku (2012), o termo índio foi desprezado pelos povos originários em virtude de sua carga negativa produzida pelos estereótipos arraigados na sociedade não-indígena. A partir dessa discussão trazida na obra, é possível fomentar a compreensão sobre o uso do termo indígena e diminuir os estereótipos há tanto tempo promovidos em nossa sociedade.

Ademais, observamos o panorama histórico da resistência pela manutenção da identidade indígena. Essa atitude por parte dos próprios povos, como os *Tenetehara*, permite que possamos ver discussões tão pertinentes à nossa sociedade, como a valorização da identidade indígena e a presença desses em contextos não-indígenas, sem essas imagens negativas. Segundo Munduruku (2012), a valorização da identidade indígena advém também do reconhecimento de si no mundo e sobre o mundo como sujeito de direitos que podem lutar por si, pelo seu território e pelo seu reconhecimento.

Em virtude de tudo que é apresentado na obra, podemos compreender como a literatura está presente nas diversas sociedades em suas diferentes manifestações. A literatura permite, pois, processo criativo do autor, constituindo texto para além da ação de comunicar sentido por meio da palavra. A literatura pode ser conceituada como o lugar do texto com delimitações precisas e criativas, em que a imaginação é participante (Campos Jr., 2007). Podemos compreender, portanto, que a literatura indígena permite

olhar para as manifestações do povo, nesse caso os *Tenetebara*, contribuindo com a sua formação identitária, com o reconhecimento e com a necessidade de valorização.

Além disso, é relevante ressaltar que o texto literário é localizado, ou seja, ele é produto de um sujeito em um lugar e um tempo e tal característica é inerente ao processo de escrita, influenciando a produção do texto. Por conseguinte, o sujeito leitor, ativo na leitura literária, é também parte de um contexto que influenciará suas percepções sobre o texto que lê. Assim, não podemos esquecer do papel do leitor que, ao perceber a imagem formada, compreende, no espaço do contexto que o cerca, as reflexões sobre aquilo que lê. Nesse sentido, o leitor é convidado a reconhecer a presença indígena e a compreender as suas características.

Como manifestação de um povo em um lugar e em um tempo, a literatura permite que compreendamos as diversas raízes que compõem a nossa cultura, promovendo a leitura de mundo. Levando em consideração a riqueza cultural do Brasil, há que se pensar que é necessário não apenas reconhecer a presença das raízes de diferentes povos em nossa literatura, mas é preciso compreender como essas leituras de mundo se concretizam na leitura da palavra.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do livro *Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá* (Sá, Silva, 2016) se inicia com os elementos da narrativa. Os personagens principais são Tatá e Zahy, um garoto indígena morador da aldeia Juçaral que gosta de observar o céu e ouvir as histórias que os mais velhos da sua aldeia contam. A história ocorre na aldeia, terra indígena Arariboia no Maranhão, local onde o livro foi confeccionado, e se passa no decorrer de uma semana, tempo que Tatá fica na aldeia com sua mãe.

Percebe-se, na história, diversos elementos constituintes da cultura da comunidade indígena que promoveu, junto à equipe de trabalho do livro, a produção da obra. Observamos como as histórias carregam tradições orais e perfazem a identidade do povo. Compreendemos como a comunidade estabelece a relação homem-natureza-cultura dentro de sua educação. Em vista disso, expõe Krenak (2019, p. 17) em sua relação com natureza: “eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmo é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”.

O protagonismo indígena permite compreender sua cosmovisão, percebida nas histórias das constelações e do universo, e nos diversos aspectos da cultura *Tenetebara* citados na obra. Todas as tradições culturais que permeiam o livro demonstram a relação da comunidade com a natureza, com o objetivo de preservar a harmonia e sua relação homem-natureza, pois a natureza é parte da própria comunidade indígena, conforme informa Krenak (2019).

Diversos pontos, falas e abordagens do livro evidenciam a identidade indígena de Zahy. Desde o começo ao utilizar a sua língua indígena com Tatá, até o final em que conta a origem do universo de acordo com a sua cultura, o menino se mostra curioso sobre a

cultura da amiga, ao mesmo tempo que se mantém firme no que acredita. Zahy representa, no livro, por meio de todo o conjunto de elementos que traz no decorrer da história, todos os *Tenete'hara*, trazendo também a identidade cultural desse povo.

Leituras como o livro proposto à análise auxiliam a promover a quebra de estereótipos a respeito dos indígenas, fomentando o debate e o conhecimento cultural. Torna-se mais importante ainda para o estado do Maranhão por ter sido constituída a partir dos saberes *Tente'har*, que moram neste estado, permitindo conhecimento acerca dos povos e da formação cultural do estado, promovendo a formação da identidade da população e o respeito e a valorização dos povos originários que fazem parte da região. Conforme afirmam Santos e Pagani (2022, p. 97), estudos como esse permitem “contribuir para valorizar a cultura brasileira, de modo a reconhecer que nossa nação é formada através da miscigenação dos povos (...).”

Como assevera Bauman (2020, p. 17), a literatura é “capaz de expressar solidez e fluidez, assim como homogeneidade e pluralidade, a natureza suave e mesmo ‘pungente, áspera e friável’ de nossa existência”. Assim, o livro analisado constitui uma literatura que permite pensar para além de formas canônicas literárias, mas que são tão necessárias quanto essas para o contexto da formação e educação para o pensamento crítico e formação cidadã.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE (Krenak), Edson. O indígena como usuário da lei: um estudo etnográfico de como o movimento da literatura indígena entende e sua a lei 11.645/2008. In: **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 39, n. 109, p. 321-356, set-dez, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/JY48whrPwyqKVCmdb9v9Z6f/?format=pdf> Acesso em: 12 jan. 2024.
- BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Riccardo. **O elogio da literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- BOTELHO, João. **Conhecendo e debatendo a história do Maranhão**. São Luís: Fort Gráfica, 2007.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 05 abr 2023.
- CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CAMPOS JR. L. de C. Cinema, História e Literatura: Possibilidades de Diálogo. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/5o-encontro-2007-1/Cinema-20Historia%20e%20Literatura...>> Acesso em: 24 fev. 23
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira: ensino médio**. 3. ed. São Paulo: Atual, 2005.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Traduzido por Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago.
- DURÃO, Fábio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MUNDURUKU, Daniel. Capítulo 3: O caráter educativo do movimento indígena brasileiro: considerações iniciais.

- In: **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro** (1970-1990). 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Educação em foco, Série Educação, história e cultura). p. 209-224.
- MUNDURUKU, Daniel. **Educação Indígena: Do Corpo, Da Mente e Do Espírito**. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p. 21-29, jan. / jun. 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235209185.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- PEREIRA, Alex Viana. Literatura de autoria indígena brasileira: história, direito e protagonismo. In: SANTOS, Francisco Bezerra dos (org). **Linguagens, literaturas e culturas indígenas: diálogos teóricos e práticos**. Tutóia-MA: Diálogos, 2022. DOI: 10.52788/9786589932499.
- SÁ, Maria José Ribeiro de; SILVA, Cleydson Wallace C. da. (orgs). **Histórias do céu contadas por Zahy e Tatá**. Imperatriz-MA: Ethos, 2016.
- SÁ, Maria José Ribeiro de. **Saberes Culturais Tentehar e Educação Escolar Indígena na Aldeia Juçaral**. 2014. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.
- SANTOS, Francisco Bezerra dos. Literatura indígena de temática infantojuvenil: reflexões e análises a partir da obra Lua-menina e Menino-onça, de Lia Minápoty. In: SANTOS, Francisco Bezerra dos (org). **Linguagens, literaturas e culturas indígenas: diálogos teóricos e práticos**. Tutóia-MA: Diálogos, 2022. DOI: 10.52788/9786589932642.1-9.
- SANTOS, Alessandra Rufino. **A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro**. EXAMÁPAKU: Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais. volume 1, nº 1. Universidade Federal de Roraima: Boa Vista, julho, 2013, p. (1-3). Disponível em: <https://doi.org/10.18227/1983-9065ex.v1i1.1466>. Acesso em: 27 fev. 2023
- SANTOS, Fabiana dos; PAGANI, Jackson José. Relações de poder: a literatura como instrumento de resgate da cultura indígena no Brasil. In: SANTOS, Francisco Bezerra dos (org). **Linguagens, literaturas e culturas indígenas: diálogos teóricos e práticos**. Tutóia-MA: Diálogos, 2022. DOI: 10.52788/9786589932499.
- THIEL, Janice Cristine; QUIRINO, Vanessa Ferreira dos Santos. **A literatura indígena na escola: um caminho para a reflexão sobre a pluralidade cultural**. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica: Curitiba, 2011. p. 6630-6641.
- TREMEMBÉ, Mateus. A identidade da cultura alimentar e a tradição indígena. In: KRENAK, Ailton; PIÚBA, Fabiano (orgs.). **Desnaturada: cultura e natureza**. Fortaleza: Secult/Ce, 2022.p. 81-100.